

**A ATUALIDADE DE MARIA ANGELA D'INCAO: SENSIBILIDADE E
COMPLEXIDADE EM SOCIABILIDADE URBANA**

***LA ACTUALIDAD DE MARIA ANGELA D'INCAO: SENSIBILIDAD Y COMPLEJIDAD
EN LA SOCIABILIDAD URBANA***

***THE CONTEMPORARY RELEVANCE OF MARIA ANGELA D'INCAO: SENSITIVITY
AND COMPLEXITY IN URBAN SOCIABILITY***



Alison Jorge Alves do CARMO¹
e-mail: docarmo.alja@gmail.com



Maria de Jesus de Britto LEITE²
e-mail: maria.bleite@ufpe.br

Como referenciar este artigo:

CARMO, Alison Jorge Alves do; LEITE, Maria de Jesus de Britto. A atualidade de Maria Angela D'incao: sensibilidade e complexidade em sociabilidade urbana. **Revista Geografia em Atos**, Presidente Prudente, v. 10, n. 00, e026014, 2026. e-ISSN: 1984-1647. DOI: 10.35416/2026.11173.



| Submetido em: 19/08/2025
| Revisões requeridas em: 19/05/2026
| Aprovado em: 10/07/2026
| Publicado em: 25/08/2026

Editores: Prof. Dr. Nécio Turra Neto
Profa. Me. Karina Malachias Domingos dos Santos

¹ Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Recife – Pernambuco (PE) – Brasil. Pesquisador de Pós-Doutorado pela UFPE. Doutor e Mestre em Desenvolvimento Urbano e Arquiteto Urbanista graduado pela mesma instituição.

² Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Recife – Pernambuco (PE) – Brasil. Professora da graduação em Arquitetura e Urbanismo e da Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da UFPE. Coordenadora geral do Centro de Estudos Avançados da mesma instituição. Doutora e Mestra em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo. Arquiteta Urbanista graduada pela UFPE.

RESUMO: Este ensaio sugere a atualidade de Maria Angela D’Incao no tema da Sociabilidade Urbana. A base da tratativa se dá a partir de uma pesquisa de doutorado que tomou obras de D’Incao como referências analíticas centrais. Na pesquisa, que contou com empiria baseada na Autoetnografia e outras bases de investigação associadas, as teorizações de D’Incao sobre mudanças de Sociabilidades Amplas para Sociabilidades Restritas em cidades modernas se mostraram chave não apenas nas análises científicas do autor, mas também em sua própria realidade socioespacial. Essas teorizações de D’Incao, escritas em meados da última década de noventa, dialogam com debates atuais da Sociabilidade, como se vê aqui em correspondências da autora com autores como Henri Lefebvre, David Harvey, Ana Clara Torres Ribeiro e outros. Identifica-se, assim, a atualidade e a sensibilidade de Maria Angela D’Incao no estudo da Sociabilidade Urbana, mesmo em meio a perspectivas sempre mais complexas sobre a temática.

PALAVRAS-CHAVE: Maria Angela D’Incao. Sociabilidade. Sustentabilidade Urbana.

RESUMEN: Este ensayo sugiere la relevancia de Maria Angela D’Incao en el tema de la Sociabilidad Urbana. El enfoque se basa en una investigación doctoral que tomó obras de D’Incao como referencias analíticas centrales. En esta investigación, apoyada en datos empíricos basados en la autoetnografía y otros métodos de investigación asociados, las teorizaciones de D’Incao sobre cambios de Sociabilidades Amplias a Sociabilidades Restringidas en ciudades modernas resultaron clave no solo en las investigaciones analíticas del autor, sino también en su propia realidad socioespacial. Estas teorías de D’Incao, escritas a mediados de los últimos años noventa, dialogan con debates actuales sobre Sociabilidad, como se evidencia en correspondencias con autores como Henri Lefebvre, David Harvey y Ana Clara Torres Ribeiro. Se identifica, así, la relevancia y sensibilidad de Maria Angela D’Incao en el estudio de la Sociabilidad Urbana, incluso en perspectivas más complejas sobre este tema.

PALABRAS CLAVE: Maria Angela D’Incao. Sociabilidad. Sostenibilidad Urbana.

ABSTRACT: This essay explores the relevance of Maria Angela D’Incao’s work to the field of Urban Sociability. The discussion is grounded in doctoral research that used D’Incao’s works as central analytical references. In the research, which drew on empirical data based on Autoethnography and other related research methods, D’Incao’s theories regarding the shift from Broad Sociabilities to Restricted Sociabilities in modern cities became key not only in the author’s scientific analyses but also in his own socio-spatial reality. These theories by D’Incao, written in the mid-1990s, engage with current debates on sociability, as seen here in the author’s correspondence with scholars such as Henri Lefebvre, David Harvey, Ana Clara Torres Ribeiro, and others. Thus, Maria Angela D’Incao’s contemporary relevance and sensibility in Urban Sociability are highlighted here, even amid increasingly complex perspectives on the subject.

KEYWORDS: Maria Angela D’Incao. Sociability. Urban Sustainability.

Introdução

Faleceu em março de 2023, aos seus 82 anos, a socióloga e escritora brasileira Maria Angela D’Incao. Autora de uma expressiva obra acadêmico-literária, que não chega a ser talvez numerosa ou famosa, mas que é sobretudo sagaz e diversificada, D’Incao deixou um legado ímpar na produção do conhecimento e do pensamento crítico no Brasil. Dentre os temas trabalhados por ela, figuram questões sobre a mulher, a família, a modernidade, e centralmente para este ensaio, a sociabilidade urbana. Mais de trinta anos após a publicação de dois de seus principais artigos sobre essa temática (D’Incao, 1992a, 1992b), o pensamento de Maria Angela D’Incao se mostrou fundamental para uma pesquisa de doutorado intitulada *Desenvolvimento Urbano Sustentável: autopoiese e sociabilidade, conceito último e possibilidade primeira* (Carmo, 2024), e que investigou a dimensão socioespacial da Sustentabilidade. Afinal, para além de a Sociabilidade ser um tema já familiar em estudos urbanos, D’Incao permitiu compreender, através da sensibilidade dos seus escritos, uma complexidade que é muitas vezes despercebida em outros autores.

Principalmente, D’Incao sugere a ocorrência de um processo de transformação de realidades urbanas de Ampla Sociabilidade para Sociabilidades Restritas no decorrer da modernização das cidades, e permite compreender minúcias desse processo que se mostram mais complexas do que se pode conhecer por meio de análises sociais ou urbanísticas em separado, mas apenas através de olhares sociourbanos integrados e sensíveis à vida cotidiana. Essa teorização de D’Incao é primeiro defendida no seu artigo “Modos de Ser e de Viver: a sociabilidade urbana” (1992b). E depois, no artigo “A Casa, a Família e Modos de Vida” (1992a), a autora oferece um olhar ainda mais sensível e aprofundado sobre essa provável transformação da Sociabilidade, partindo da apreciação de obras literárias brasileiras dos séculos XIX e XX, e no escopo dos registros e interpretações de seus autores sobre mudanças de modos de vida. A explanação da atualidade desse conteúdo é o objetivo deste ensaio, que ilustra a maneira como estas duas obras de D’Incao foram seminais para a pesquisa citada.

Metodologicamente, para investigar a dimensão socioespacial da Sustentabilidade, a pesquisa lastreou-se em bases teóricas e empíricas transversais entre ciências biológicas, sociais e urbanas. Havia aí a preocupação de se superar discursos convencionais do Desenvolvimento Sustentável, muitas vezes ainda ecologizados e pouco aprofundados em questões sociais, e se voltar diretamente para um fenômeno social, lançando-se investigações objetivas de correlações com a sustentabilidade socioespacial. Notadamente, no campo da biologia, o conceito de Autopoiese auferiu uma base teórica que se correlaciona com a dimensão social (Maturana;

Varela, 1995; Capra, 2010; e outros). No campo das ciências urbanas, referências do desenho urbano permitiram levantar ilações diretas sobre o papel e os impactos da sociabilidade na sustentabilidade das cidades (Gehl, 2013; Appleyard; Appleyard, 2020). E nas ciências sociais, autores além de D'Incao possibilitaram uma compreensão geral e crítica sobre a Sociabilidade Urbana em suas múltiplas dinâmicas modernas e contemporâneas (Lefebvre, 1991; Jacobs, 2011; Cordeiro, 2003; Velho, 2011; Caldeira, 2003; Ribeiro, 2005; Frúgoli Jr., 2007; e outros).

Quanto à empiria da pesquisa, importa mencionar que as teorizações de D'Incao ofereceram inspiração para a aplicação do método da Autoetnografia, e para o que, também foram buscados autores específicos (Chang, 2008; Ellis; Adams; Bochner, 2011; e outros). Isso porque, ao tomar conhecimento das defesas de D'Incao sobre a mudança de Sociabilidades Amplas para Sociabilidades Restritas na esteira da modernização, o autor da pesquisa compreendeu que ele mesmo havia sido alvo de um “Processo de Restrição da Sociabilidade”, como então escolheu denominar esse processo para facilitar menções analíticas à teoria de D'Incao. Ademais, a referida pesquisa de doutorado teve início no início do isolamento social da covid-19 no ano de 2020, o que influenciou para que o autor optasse por objetos empíricos em sua própria realidade socioespacial, acessível sem grandes deslocamentos físicos, mas o que também se mostrou intimamente ligado à sustentabilidade do espaço construído, conforme o que segue.

Em grande síntese, os avós paternos do autor, imigrantes de cidades interioranas na década de 1950, foram responsáveis pela construção de um pequeno patrimônio construído no seu atual local de moradia, na periferia da cidade do Recife, e a partir de condições bastante pobres: uma pequena barraca de mercearia, que depois se diversificou para um pequeno armazém e obteve certo crescimento, levando à compra, venda e construção de alguns imóveis. No correr das gerações, esse crescimento combinou-se ao trabalho dos pais do autor, sendo a primeira geração da família com trabalho assalariado em um grande centro urbano, e possibilitou à geração do autor uma educação formal, que o levou ao ingresso no ensino superior. Formado então como Arquiteto Urbanista, e pesquisador de temas da Sustentabilidade, foi também no início de sua pesquisa de doutorado em 2020 que o autor passou a devotar maior atenção ao patrimônio de sua família, e quando também os entendimentos de D'Incao se mostraram chave. Devido às limitações econômicas de sua família, de classe média baixa, e também às limitações impostas pelo isolamento social da pandemia, o autor observou que muito pouco dos seus conhecimentos formais em sustentabilidade se aplicavam à manutenção do patrimônio construído da família. Ao contrário,

se mostrou necessário voltar-se aí às possibilidades oferecidas pela própria localidade, mas à qual ele não tinha ainda “proximidade”, ou relacionamentos significativos, devido ao investimento em sua educação formal, em função do que empreendeu anos de sua juventude e início da idade adulta nos espaços de colégios e universidades. Ele compreendeu, então, através da perspectiva defendida por D’Incao, a restrição da sociabilidade pela qual ele passara, mas também uma ampla sociabilidade ainda existente em seu local de moradia, e que podia ser resgatada para prover a sustentabilidade socioespacial do patrimônio construído de sua família. No que segue, portanto, evidencia-se essa sensibilidade de Maria Angela D’Incao que permitiu a noção científica e também pessoal da Sociabilidade em cenários complexos tal qual o vivido.

A Sensibilidade de Maria Angela D’Incao

D’Incao (1992b, p. 95) define a Ampla Sociabilidade como a “convivência com diferentes grupos sociais, uma ampla relação com as ruas e uma ausência de privacidade dos corpos e dos espaços”, enquanto que a Sociabilidade Restrita, ao contrário, “afasta os homens e as manifestações sociais da rua relegando os contatos sociais a contatos de classe social, instalando-se o cultivo da domesticidade e a privacidade dos espaços sociais, da mente e dos corpos”. D’Incao alega ainda a ocorrência desse processo ao longo da modernização das cidades, sendo acompanhado pela ascensão de formas de vida burguesa, a que ela define como isentas de “laços com a comunidade e com os diferentes” (D’Incao, 1992a, p. 75). Segundo a autora, muitos processos incorreram e incorrem nessa transformação: mudanças tecnológicas, como o advento da televisão, que “ocupa as pessoas em casa, empobrecendo as cidades à noite [...], bem como acabando com as reuniões e visitas domésticas”; o uso do telefone, que “tanto aproxima quanto afasta as pessoas”, e o automóvel, como uma “armadura que protege seu usuário contra as pessoas estranhas”; também mudanças de hábitos familiares, como a ocupação de crianças de classe média com tarefas escolares no lar, e ainda outras atividades como práticas de esporte, aulas de arte e aulas de idiomas, que eliminam o tempo de ócio e do antigo hábito de brincar na rua (D’Incao, 1992b p. 100-102). Com ainda mais profundidade, D’Incao sugere a ocorrência dessa transformação através de processos tanto sociais como urbanísticos. No viés urbanístico, ela menciona à socióloga Maria Isaura Pereira de Queiroz para ilustrar o fenômeno da “adoção de um estilo de vida urbano antes mesmo da instalação da industrialização” em regiões no interior do Brasil (D’Incao, 1992b, p. 98), e também da influência de tipologias arquitetônicas urbanas, como prédios e apartamentos, em cidades pequenas que *a priori* não

carecem concentrações de espaço. Já no viés social, D'Incao sugere que mesmo pequenas mudanças nas formas de vida, como em bases trabalhistas, podem influenciar na transformação restritiva da sociabilidade, o que ela ilustra com uma situação que presenciou na região paulista da Alta Sorocaba, que até então era pouco industrializada, e sem um processo de urbanização:

O filho de fazendeiro que eu conheci lá, quando ia para a fazenda, na volta do colégio interno, costumava brincar com as crianças filhos dos empregados. Os amigos, colegas de escola ou internato, pares, portanto, que porventura viessem juntos, também interagiam com a classe empregada. Hoje, muitas dessas pessoas que nasceram ou se criaram nas fazendas, andando a cavalo, nadando nos riachos e lagoas, caçando e pescando com filhos de empregados, adotam para seus filhos um estilo de vida diferente. [...] Seus filhos hoje, quando vão para a fazenda, levam os amigos da mesma classe social. Andam a cavalo por esporte e não por aprendizado, nadam nas piscinas e não estabelecem com os empregados mais que relações de dominação, ainda que cordiais muitas vezes. Também porque, evidentemente, a forma de contrato de trabalho transformou-se em capitalista. É bom lembrar que a relação de dominação também existia no passado, mas o fato de os corpos se aproximarem mais, certamente criou um tipo de sociabilidade diferente da atual na qual a camaradagem e afeição eram um dado (D'Incao, 1992a, p. 99).

Essas explicações de D'Incao se mostraram bastante fiéis aos conhecimentos e vivências do autor da pesquisa aqui referida. Tendo sido alvo do Processo de Restrição da Sociabilidade, ele entendeu que as gerações anteriores de seus pais e avós experimentaram sociabilidades mais amplas nos termos descritos por D'Incao, com maior convivência entre grupos sociais e contato com a rua. Diferentemente, o autor empreendeu bastante tempo de sua vida com práticas educativas, esportes, idiomas, e outras, em grande maioria distanciadas do seu local de moradia, reduzindo assim significativamente a sociabilidade com diferentes grupos sociais e a rua. Em outras palavras, um processo de mudança em detrimento de formas de vida mais tradicionais, no sentido de sociabilidades amplas pré-existentes, e em prol de hábitos burgueses, o que influenciou na transformação das possibilidades de relações do autor com o local de moradia e o patrimônio construído da sua família, no sentido de concepções, serviços e insumos a serem buscados. As Figuras 1 e 2 ilustram esse cenário, evidenciando, na segunda metade do século XX, a expansão de formas de vida modernas na cidade do Recife, enquanto que, em áreas do subúrbio, prevaleciam formas de vida tradicionais, inclusive com características interioranas.

Figura 1 – Novos hábitos e espaços modernos entre as décadas de 1960 e 1970 no Recife.



Fonte: Acervo dos autores.

Figura 2 – Hábitos interioranos no subúrbio do Recife entre as décadas de 1960 e 1970.



Fonte: Acervo dos autores.

A sensibilidade de Maria Angela D’Incao para com a sociabilidade urbana se mostra não apenas em sua capacidade de análise acadêmica e de observação do cotidiano, mas também, em uma capacidade transversal, transdisciplinar, de investigar a temática através da literatura dos séculos XIX e XX, época na qual, no Brasil, segundo expõe D’Incao, intensificou-se a modernização das cidades e a ascensão das formas de vida burguesa. Com base em obras de ficção como *Sargento de Milícias*, de Manoel Antonio de Almeida (1831-1861), obras de comédia de Martins Pena (1815-1848) e romances de Machado de Assis (1839-1908) e José de Alencar (1829-1877), D’Incao identifica aparentes transformações de Amplas Sociabilidades para Sociabilidades Restritas a partir da análise de enredos, cenários, personagens e até mesmo

inovações textuais estilísticas. Em *Sargento de Milícias*, por exemplo, obra do início do século XIX, D’Incao (1992a, p. 66-67) destaca a ainda ausência da “domesticidade”, do “cultivo da infância, da maternidade e paternidade” como entendidas hoje, isto é, a ausência da “autoridade sobre a prole” e do “amor privado”, responsabilidades que, ao contrário, D’Incao sugere que eram distribuídas entre várias pessoas adultas. Em formas de vida simples, segundo a autora, “a família, a polícia, a vizinhanças, a cidade, os funcionários públicos, todos se relacionam entre si por um motivo ou outro e todo mundo acaba conhecendo tudo sobre a vida de todos” (D’Incao, 1992a, p. 66-67). O mesmo ocorreria nas comédias de Martins Pena, nas quais, segundo D’Incao:

A grande discrepância entre os diferentes status econômicos dos personagens, os quais, algumas vezes, relacionam-se na mesma peça, leva-nos a inferir que as classes sociais ainda não eram claramente definidas no Brasil – pelo menos no tocante à interação ordinária do dia a dia”. [...] o sentimento de comunidade era ainda forte nesse período, apesar de que o estilo de vida burguês já tinha sido aceito como uma oposição ao modo de vida rural, tradicional (D’Incao, 1992a, p. 68).

Já em obras mais próximas do século XX, D’Incao identifica o surgimento de duas características da família e da sociedade burguesa: na família, o cultivo da “domesticidade”, e na sociedade, da “privacidade doméstica, dos espaços domésticos” (D’Incao, 1992a, p. 73). Isso teria resultado de fenômenos como o individualismo e a livre escolha de parceiros para o casamento, o que, para D’Incao, gerou novas dinâmicas sociofamiliares, como na mudança de alianças políticas e econômicas. Por exemplo, na obra *Senhora*, de José de Alencar, D’Incao (1992a, p. 73) lê uma “estrutura social urbana mais definida”, com “clara definição entre pobres e ricos”, o que ela também alega em Machado de Assis, embora não tenha descrito obras desse autor. Em síntese:

A primeira oposição entre o indivíduo e a sociedade, a comunidade, é expresso nas novelas brasileiras urbanas principalmente através da escolha pessoal do casamento. A segunda oposição entre o homem e a comunidade é vista através da ascensão da família burguesa, com a adoção das atitudes de privacidade e de domesticidade. O foco descritivo nas novelas se dirige, paulatinamente e mais intensamente, para os interiores da casa, das mentes e das relações entre pais e filhos (D’Incao, 1992a, p. 74).

Ao adentrar na Literatura, campo específico de debates outros, toda essa discussão poderia ganhar ainda novos apontamentos. Contudo, essa parte das exposições de D’Incao é mencionada aqui para completar um rol de referência de que a autora se munuiu para observar a

sociabilidade de maneira sensível. Enfim, o Processo de Restrição da Sociabilidade é observado por D’Incao tanto nos acontecimentos ordinários do cotidiano, através do seu olhar sociológico, como nos simbolismos culturais e históricos que ficaram gravados nas obras de outros grandes observadores da sociedade, os romancistas. Isso explicita a sensibilidade da autora em adentrar com propriedade na temática da Sociabilidade Urbana e identificar aí suas questões básicas.

Atualidade e Complexidade em Sociabilidade

Obviamente, as tratativas de D’Incao sobre Sociabilidade não abarcam a totalidade da discussão da temática. Desde o surgimento da questão em Simmel, na segunda metade do século XIX, o debate da sociabilidade assume diferentes proporções, com perspectivas situacionais, microsociológicas, da sociabilidade, na base das associações interpessoais, e também perspectivas relacionais, macrosociológicos, como nas relações globalizadas da sociabilidade. Um debate que, segundo Frúgoli Jr. (2007), se mantém sempre entre processos particulares e gerais da sociabilidade, e no qual mesmo Durkheim, fundador da Sociologia e contemporâneo de Simmel, movia discordâncias com este. Outros autores como Ferdinand Tönnies também alimentaram a questão, tratando da Sociabilidade em Comunidade, que seria orgânica a relações sociais, e da Sociabilidade em Sociedade, motivada por finalidades mercantis; e deixando ver, já aí, paralelos com o que se observa em D’Incao no entendimento separador entre Amplas Sociabilidades, no âmbito de formas de vida tradicionais, pré-modernas, e Sociabilidades Restritas, no âmbito de formas de vida burguesas modernas. E ainda diretamente nas ciências do espaço construído, esse debate passou a ser fomentado principalmente ao início do século XX, pela Escola de Chicago, afã dos potenciais modernizadores da sociedade, e da Escola de Manchester, preocupada com os impactos modernos sobre realidades sociourbanas tradicionais.

Mais recentemente, ao final do século XX e início do século XXI, toda a discussão foi ainda mais enriquecida com o surgimento de novas formas de socialização pós-modernas e contemporâneas: por exemplo, a partir da ascensão de novos espaços privativos e semi-privativos, como shoppings centers e condomínios clube; pelo surgimento das redes sociais digitais, e também por novas configurações urbanas em geral, como na intensificação da verticalização dos espaços; e ainda, pelas transformações econômicas em geral que continuaram a transformar as formas de vida burguesa. Não obstante, embora essa crescente complexização da questão da Sociabilidade, o seu debate em Maria Angela D’Incao parece se manter atual,

especialmente quanto aos diálogos centrais encontrados na presente pesquisa junto a outras teorizações da sociabilidade, a seguir.

Em primeiro lugar, é possível evocar a também socióloga brasileira Ana Clara Torres Ribeiro (2006) para entender que a discussão crítica da sociabilidade urbana é extremamente atual. Embora as formas de vida burguesa estudadas por D'Incao, relativas até inícios do século XX, tenham sido também impactadas por outras inovações da economia global, como por exemplo o fordismo, o keynesianismo, a financeirização do capital e outras, Ribeiro defendeu ao início do século XXI que, especialmente em cidades grandes e médias, processos capitalistas aumentaram “as distâncias sociais nesses espaços que, historicamente, concentraram as condições materiais e imateriais da acumulação capitalista” (2006, p. 413). Nesse contexto, Ribeiro questionou se a sociabilidade resistiria à “financeirização das relações sociais”, arguindo então que faltavam “palavras (conceitos) para a apreensão da sociabilidade transformada em acontecimento”, “nos “gestos-fio elaborados pela ação espontânea, ou seja, pela ação não planejada ou apenas singelamente concebida” (2006, p. 416-417). Essa discussão sugere a própria continuidade do Processo de Restrição da Sociabilidade entendido em D'Incao.

Outro autor também alimenta esse diálogo. No geógrafo britânico David Harvey (2008), encontra-se uma reflexão sobre o Processo de Compressão do Espaço-Tempo Moderno, que também sugere a ocorrência e continuidade da transformação de Sociabilidades Amplas para Sociabilidades Restritas. Segundo ele, essa compressão tem ocorrido igualmente desde o século XIX, e corresponde à “aniquilação do espaço através do tempo” (Harvey, 2008, p. 212), e vice-versa; isto é, ao crescimento do poder burguês de manipular o Tempo e o Espaço no mundo em função do acúmulo de capital, mas em detrimento do Espaço-Tempo da vida tradicional. Para Harvey:

[...] modificações das qualidades do espaço e do tempo podem resultar da perseguição de objetivos monetários. Se o dinheiro não tem um sentido independente do tempo e do espaço, sempre é possível buscar lucro (ou outras formas de vantagem) alterando os modos de uso e de definição do tempo e do espaço. [...] Todo sistema complexo de produção envolve a organização espacial (mesmo que está se restrinja à fábrica ou ao escritório). Vencer essas barreiras espaciais custa tempo e dinheiro. Por conseguinte, a eficiência na organização e no movimento espaciais é uma questão importante para todos os capitalistas (Harvey, 2008, p. 209-210).

Ainda, essa defesa de Harvey faz lembrar obrigatoriamente de Henry Lefebvre (2001), quem permitiu entender contundentemente no século XX o “Espaço-Tempo das Cidades”, cujas noções adicionais, segundo o autor, têm sido transformadas pelo “Espaço-Tempo Capitalista”.

É assim que, centralmente, Lefebvre reconhece a ideia de Tempo como exercício da Ação Social, debate que também parece condizer com o Processo de Restrição da Sociabilidade de D’Incao.

Em segundo lugar, como já comentado, Maria Angela D’Incao provê a compreensão de minúcias relativas à Sociabilidade. Em seus escritos, ela faz menção por exemplo ao arquiteto Nestor Goulart Reis Filho para apontar que transformações na sociabilidade pela ascensão das formas de vida burguesa teriam ocorrido, primeiro, não a partir do espaço urbano, mas a partir de modificações na casa e no lote urbano, repercutindo só posteriormente nos espaços públicos. D’Incao (1992a, p. 76-77) cita transformações iniciais no afastamento de habitações em relação às laterais do lote, e depois às fachadas, que criavam novas configurações morfológicas para as ruas: um processo lento, mas que teria levado ao afastamento social da rua e entre vizinhos. Esse apontamento é relevante pelo fato de que, na pesquisa de doutorado aqui referida, a análise de outros estudos atuais da sociabilidade urbana (Dousti; Kazemi; Behzadfar, 2018; Justo; Amado, 2015; Muñoz, 2018; Monteiro, 1989; Bichir; Marques, 2012; Almeida, 2011) permitiu constatar que, hoje, o fenômeno da sociabilidade tem sido comumente atrelado ao espaço público, e ignorando-se maiores complexidades advindas não da produção e do uso desse espaço, mas das relações sociais e das formas de viver e habitar que o ordenam. Por conseguinte, parece ainda se fazerem necessários na atualidade maiores esclarecimentos quanto ao que se entende por sociabilidade e socialização, isto é, pelo conjunto geral e complexo das relações sociourbanas que estabelecem formas de sociabilidade, e pela ocorrência das interações sociais imediatas que acontecem nos espaços da cidade. Esse debate evoca a própria distinção, porém também complementaridade, entre aqueles aspectos particulares e gerais da sociabilidade discutidos desde Simmel e Durkheim, e para o qual também contribuem os escritos de Maria Angela D’Incao.

Em terceiro lugar, D’Incao confere maior materialidade à discussão da sociabilidade, face a imprevisibilidades que costumam se revelar em análises complexas por diferentes métodos de pesquisa. Também nos estudos atuais da sociabilidade analisados, muitas das suas conclusões apresentam apontamentos inesperados em relação à sociabilidade. Por exemplo, em espaços urbanos com maior proximidade física entre casas e rua, encontra-se por vezes inesperados cenários que se pode dizer de Sociabilidade Restrita, enquanto que, em espaços de maior distanciamento físico entre casas e rua, encontra-se ao contrário Amplas Sociabilidades. Essa imprevisibilidade é mais um indício da complexidade e da atualidade crítica da questão da Sociabilidade Urbana, e o que, como permite entender D’Incao e os demais autores, parece carecer de maiores investigações; e isso não só diretamente sobre o espaço urbano público

burguês, mas também quanto à conformação dos espaços urbanos locais da vizinhança, da comunidade, e também a espaços privativos das casas, apartamentos e dos ambientes de trabalho.

Considerações finais

D'Incao se consagra na literatura acadêmica nacional como referência para o tema da Sociabilidade Urbana em termos modernos, e nos impactos de sua sobreposição burguesa sobre formas tradicionais de sociabilidade, isto é, pré-modernas. Embora a contemporaneidade siga apresentando novos desafios e contextos que se somam no debate e na noção do fenômeno da sociabilidade, que parece ocorrer cada vez mais em espaços que se transformam com maior velocidade, em interface crescente com tecnologias e redes sociais, a compreensão do Processo de Restrição da Sociabilidade em D'Incao se sugere como oportuno e sintético para a tratativa da Sociabilidade, desde um viés social e histórico que evidencia os impactos contundentes sobre as cidades a partir dos modos de habitar e de construir da modernidade. Afinal, esse viés social e histórico não se encontra apenas lá atrás na história. Conforme pôde ser analisado e vivenciado ao longo da pesquisa de doutorado aqui mencionada, transformações de Amplas Sociabilidades para Sociabilidades Restritas puderam ser identificadas pelo próprio autor também nesta terceira década do século XXI. Assim, mais do que contribuições teóricas e empíricas acadêmicas, a consciência desse processo serviu ao referido autor em sua própria realidade sociofamiliar local, permitindo-lhe alcançar novas compreensões e assumir também novas posturas sociais, que ao final, oportunizaram uma maior sustentabilidade para o patrimônio construído da sua família.

No resgate de qualidades de uma Ampla Sociabilidade no seu lugar de moradia, o autor pôde conhecer melhores meios para administrar o patrimônio construído da família, ampliando concomitantemente suas relações com a rua e a vizinhança. Se refletirmos mais amplamente, notar-se-á a importância desse entendimento para realidades sociourbanas heterogêneas como no Brasil, país em que coexistem diferentes formas de vida modernas e tradicionais. E todas essas diferentes formas de vida se distinguem não apenas pela expressão cultural, pelo verniz que se identifica mais de imediato nas relações sociais, mas pelas relações mais minuciosas estabelecidas entre os indivíduos e com o espaço. Advêm daí diferentes epistemes, diferentes técnicas, diferentes perspectivas de vida, formas de habitar, de trabalhar, de sociabilizar... Enfim, a mudança da Ampla Sociabilidade para a Sociabilidade Restrita é um ponto de partida analítico para se abordar o tema da Sociabilidade Urbana, no sentido da construção de uma contemporaneidade que supere a modernidade e estabeleça maior equilíbrio e equidade entre

diferentes formas de viver! Não foi à toa que esse conhecimento teve importância tanto acadêmica como para a realidade cotidiana do autor da pesquisa, o que evidencia a sensibilidade e a atualidade de Maria Angela D’Incao na observação complexa da Sociabilidade Urbana.

Agradecimentos

A pesquisa de doutorado mencionada foi desenvolvida com subsídio da CAPES – Fundação de Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Alexandre Paz. Uma análise sobre sociabilidade, cotidiano e vizinhança em um bairro popular de João Pessoa-PB. **Ponto Urbe**, São Paulo, Brasil, v. 9, p. 1–11, 2011. DOI: 10.4000/pontourbe.287.
- APPLEYARD, Bruce; APPLEYARD, Donald. **Livable Streets 2.0**. Cambridge: Elsevier, 2020.
- BICHIR, Renata Mirandola; MARQUES, Eduardo. Poverty and Sociability in Brazilian Metropolises: comparing poor people's personal networks in São Paulo and Salvador. **Connections**, v. 12, n. 1, p. 20-32, 2012. Disponível em: https://assets.noviams.com/novifileuploads/insna/Connections_Archive/2012_Volume_32_Issue_1.pdf. Acesso em: 21 mar. 2019.
- CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **Cidade de Muros**, crime, segregação e cidadania em São Paulo. São Paulo: Editora 34; Edusp, 2003.
- CAPRA, Fritjof. **A Teia da Vida**: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. São Paulo: Editora Cultrix, 2010.
- CARMO, Alison Jorge Alves do. **Desenvolvimento urbano sustentável**: autopoiese e sociabilidade, conceito último e possibilidade primeira. Orientadora: Maria de Jesus de Britto Leite. 2024. 247 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano, Recife, 2024.
- CHANG, Heewon. **Autoethnography as Method**. Walnut Creek: Left Coast Press, 2008.
- CORDEIRO, Graça Índias. A Antropologia Urbana, entre a tradição e a prática. In: Cordeiro, G. I.; BAPTISTA, L. V.; COSTA, A. F. da. **Etnografias Urbanas**. Oeiras: Celta, 2003.
- D'INCAO, Maria Angela. A Casa, a Família e Modos de Vida. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Universidade de Coimbra, n. 34, p. 65-83, fev. 1992a. Disponível em: <https://www.ces.uc.pt/rccs/index.php?id=457>. Acesso em: 13 jul. 2026.
- D'INCAO, Maria Angela. Modos de Ser e de Viver: a sociabilidade urbana. **Tempo Social**, Revista de Sociologia da Universidade de São Paulo, v. 4, n. 1-2, p. 95-110, 1992b. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ts/article/view/84913/87649>. Acesso em: 13 jul. 2026.
- DOUSTI, Fatemeh; KAZEMI, Abbas Varij; BEHZADFAR, Mostafa. A New Reading of Sociable Public Spaces: the nexus between urban design and microsociology. **Armanshahr Architecture and Urban Development**, Jornal of Architecture, v. 11, n. 2, p. 39-49. 2018. DOI: 10.22034/AAUD.2023.294858.2508.
- ELLIS, Carolyn; ADAMS, Tony E.; BOCHNER, Arthur P. Autoethnography: an overview. **Historical Social Research**, n. 36, v. 4, p. 273-290, 2011. DOI: 10.12759/hsr.36.2011.4.273-290.
- FRÚGOLI JR., Heitor. **Sociabilidade urbana**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2007.
- GEHL, Jan. **Cidades para Pessoas**. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna**, uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

JACOBS, Jane. **Morte e Vida de Grandes Cidades**. 3ªed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

JUSTO, Rui Pedro M.; AMADO, Ana Elizabete M. Sociabilidade: a forma urbana na vida pública da cidade de Lisboa. **Espaços Vividos e Espaços Construídos**: estudos sobre a cidade, v. 1, n. 1, p. 38-58, 2015.

LEFEBVRE, Henri. **A Vida Cotidiana no Mundo Moderno**. São Paulo: Ática, 1991.

MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. **A Árvore do Conhecimento**: as bases biológicas do entendimento humano. Campinas: Editora Psy II, 1995.

MONTEIRO, Circe. **The Experience of Place**: a comparative analysis of middle class neighborhoods, public housing states and favela in Brazil. Oxford: University of Oxford, 1989.

MUÑOZ, Marta Roca. **Sociabilidad urbana**: explorando las relaciones entre perfiles sociales y espaciales de Recife, PE. 2018. 222 f. Dissertação (Desenvolvimento Urbano) – Departamento de Arquitetura e Urbanismo. Pós-graduação em Desenvolvimento Urbano. Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

RIBEIRO, Ana Clara Torres. Sociabilidade, hoje: leitura da experiência urbana. **Caderno CRH**, v. 18, n. 45, 2005. DOI: 10.9771/ccrh.v18i45.18535.

VELHO, Gilberto. Antropologia urbana: interdisciplinaridade e fronteiras do conhecimento. **MANA**: estudos de antropologia social, v. 17, n. 1, p. 161-185, 2011.

CRediT Author Statement

- ☐ **Reconhecimentos:** Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano (MDU).
 - ☐ **Financiamento:** CAPES – Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.
 - ☐ **Conflitos de interesse:** Os autores declaram não haver conflito de interesses.
 - ☐ **Aprovação ética:** A pesquisa de doutorado mencionada neste ensaio foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Pernambuco.
 - ☐ **Disponibilidade de dados e material:** Os dados e materiais utilizados na elaboração da pesquisa de doutorado mencionada estão mantidos de posse do autor da pesquisa.
 - ☐ **Contribuições dos autores:** Na pesquisa de doutorado mencionada e neste ensaio, o autor Alison Jorge Alves do Carmo teve papel de conceitualização, análise de dados, definição metodológica e escrita, e Maria de Jesus de Britto Leite de administração do projeto e revisão.
-